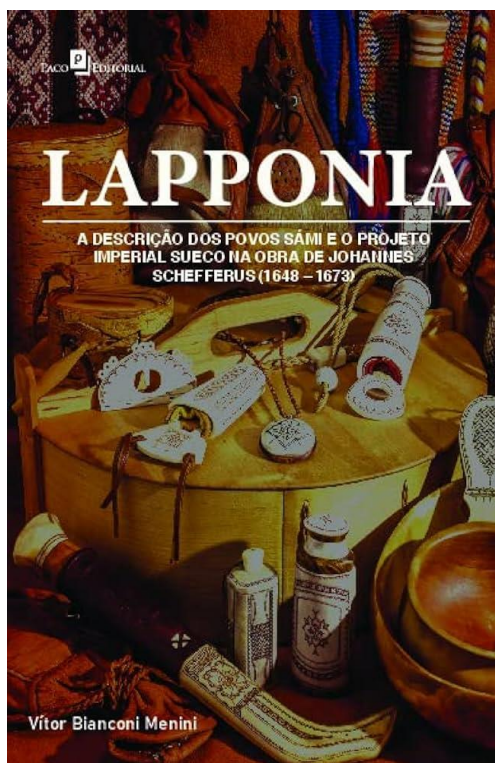


## UMA NOVA VISÃO DOS SÁMI: LAPPONIA



MENINI, Vitor Bianconi. *Lapponia: A descrição dos povos sámi e o projeto imperial sueco na obra de Johannes Schefferus (1648 - 1673)*

Guilherme Garcia Galego<sup>1</sup>

A obra a ser analisada nesta resenha se trata do livro *Lapponia: A descrição dos povos sámi e o projeto imperial sueco na obra de Johannes Schefferus (1648 - 1673)* publicado em 2022 pela Paco Editorial. O livro é baseado na dissertação de mestrado de Vitor Bianconi Menini intitulada *Lapponia: a legitimação do estado sueco na obra de Johannes Schefferus (1648-1673)*, defendida pelo Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp) no ano de 2020.

---

<sup>1</sup> Mestrando Programa de Pós-graduação em História e Espaços da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (URFN), Membro do NEVE; Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-8575-9109>; Contato: [guih.galego@hotmail.com](mailto:guih.galego@hotmail.com)

Logo de início, podemos destacar um ponto bastante positivo do livro; a obra apresenta uma lista de abreviações e também um glossário de termos recorrentes, sendo de bastante ajuda para os leitores que não estão intimamente acostumados com as expressões e termos relacionados com o contexto espaço/temporal que a obra se propõe a abordar, dessa forma, possibilitando uma maior facilidade na compreensão das ideias discutidas pelo autor ao longo de seus capítulos.

O livro também conta com um prefácio elaborado pelo autor e companheiro de estudos de Vitor Menini, Dr. Andris Mucenieks; nesta pequena apresentação do texto podemos observar uma boa exposição da obra e uma espécie de resumo de como serão estruturadas as ideias defendidas pelo autor, destacando as problemáticas que são abordadas ao longo dos capítulos apresentados. Após esses elementos pré-textuais, vemos que o corpo do livro é dividido em quatro partes: uma introdução, três capítulos e as considerações finais do autor.

No início de sua introdução, Vitor Menini primeiramente demonstra como os povos sámi ainda são retratados pelo Museu Histórico de Estocolmo como sendo povos nômades, difusos e ocupando um grande vazão geográfico praticamente inóspito e de atividades inteligíveis; em contraste com os povos nórdicos, que são representados de forma “colorida” e hospitaleira. Dessa forma, podemos ver que, mesmo com o aumento do número de pesquisas enviesadas em uma perspectiva não nórdica a partir dos anos de 1970/1980, muitos dos mitos e estereótipos criados sobre a imagem dos povos sámi continuam vivos ainda nos dias atuais.<sup>2</sup>

Dando continuidade, o autor busca apresentar como atualmente os povos escandinavos estão sendo vistos pela historiografia a partir de seus emaranhamentos pós-coloniais, como forma de arcabouço teórico para o entendimento das relações de poder que seriam responsáveis por coloca-los como agentes do colonialismo para com os povos sámi, dando um papel de destaque para a experiência política sueca durante o século XVII, na qual,

---

<sup>2</sup> Menini também demonstra como, atualmente, a historiografia busca a utilização do adjetivo sámi como substituto do termo “lapão”, utilizado anteriormente de forma depreciativa e aponta que a utilização de palavras derivadas do termo “lapão” será feita em sua obra com o intuito de diminuir a repetição de termos ao se referir aos povos sámi.

o Estado sueco foi responsável por toda uma transformação social, econômica e legal na região da Lapônia, de forma definitiva e irreversível.

Ainda em sua introdução, Menini apresenta a grande importância que a obra *Lapponia* do professor Joahnes Schefferus (1673) teve em meio às elites letradas europeias, sendo traduzida para diversas línguas ainda no século XVII<sup>3</sup>. Menini propõe uma abordagem eclética, sublinhando Schefferus como construtor de uma nova camada conceitual sobre os povos sámi, ligada diretamente ao contexto político específico do período e levando a um marco na forma de tratamento e na visão comum sobre os povos sámi. Segundo nosso autor, a obra de Schefferus dá início a um período caracterizado como “lapologia”, tendo como amparo inicial os encontros culturais incentivados pelas propostas coloniais e missionárias da Suécia e como consequência a ascensão dos povos sámi à posição de um grande objeto de interesse antropológico.

Ademais, podemos destacar que Menini aponta os seus aportes teóricos, classificando sua abordagem como contextualconceitual; uma junção do contextualismo linguístico – famoso pelos trabalhos de Quentin Skinner e John Pocock – e da História dos Conceitos – pensada e amplamente divulgada principalmente por Reinhardt Koselleck. Com essa abordagem, nosso autor se propõe a examinar os horizontes teóricos de Schefferus – sua forma de interpretar e descrever o mundo – e os motivos que levaram Schefferus a escrever sua *Lapponia*, perpassando também pelo contexto linguístico aplicado pelo autor em sua obra. Por fim, nos é apresentada novamente, agora de uma forma mais detalhada e mais bem estruturada teórico/metodologicamente como serão desenvolvidos os capítulos que darão continuidade à obra.

Iniciando seu primeiro capítulo, Vitor Menini se debruça sobre as interpretações veiculadas sobre o Norte anteriormente à publicação da obra de Joahnes Schefferus, dando papel de destaque às publicações do humanista sueco Olaus Magnus (*Carta Marina e Historia de Gentibus septentrionalibus*) como responsável por difundir na Europa a visão de que a região

---

<sup>3</sup> Inglês (1674), alemão (1675), francês (1678). Também são apresentadas outras três versões publicadas ao longo do século XVIII, duas em inglês (1704 e 1751) e uma em holandês (1716)

da Lapônia era habitada por bruxos e feiticeiros.<sup>4</sup> Aliada a essa visão deturpada dos habitantes da Lapônia, também podemos adicionar o papel que a propaganda católica teve em relacionar esses bruxos e feiticeiros como aliados dos suecos durante a Guerra dos Trinta Anos (1619-1648), buscando manchar a reputação do da Suécia enquanto reino luterano consolidado; devemos ressaltar então que a obra de Schefferus foi escrita com o intuito de negar as acusações de utilização de soldados mágicos pelo protestantismo sueco, se propondo a oferecer uma nova e verídica descrição dos povos do Norte.

Nosso autor apresenta diversos exemplos de como os povos da Lapônia por muito tempo foram tratados como magos e bruxos e ligados a demônios, monstros e à barbárie, salientando que essa visão deturpada foi veiculada pelos povos nórdicos cristianizados, com o intuito de afastar o mundo ainda pagão dos povos cristãos. Em contrapartida, os povos do norte são descritos em *Lapponia* como povos simples e de compreensão limitada<sup>5</sup>, vivendo em um ambiente duro e responsável por moldar suas características e tendo como principais habilidades a caça, o esqui e a arquearia.

Dando continuidade, Menini trabalha nas outras seções de seu primeiro capítulo a inserção de Johannes Schefferus no tempo e ambiente intelectual em que este humanista viveu, dessa forma, estabelecendo suas conexões e modo de ver o mundo e a relação desse personagem para com o fortalecimento e expansão do Estado sueco. Primeiramente vemos ser relatada como foi a chegada de Schefferus na Suécia, sua relação com os humanistas da Universidade de Uppsala e com o movimento historiográfico do Goticismo. Em um segundo momento, podemos observar que Menini apresenta o caráter teórico/metodológico de Schefferus como sendo de transição, demonstrando flertes entre o “paradigma livresco” e a valorização da abordagem experimental – como a aplicada pela Royal Society britânica –; dessa forma, nosso autor enquadra Schefferus como um “humanista tardio”, pois, apesar de fazer o

---

<sup>4</sup> A bruxaria e a feitiçaria também são vistas como as principais características dos povos da Lapônia e da Finlândia pelas Sagas Islandesas

<sup>5</sup> Colocados dessa forma por não morarem em castelos ou cidades, mas sim em barracas, aldeias ou no deserto; ideia também retomada adiante ao tratar da forma como esses povos se comunicavam, sendo vista de maneira rudimentar

uso da experimentação para a elaboração de seu relato, Schefferus continua conectado à forma de viver, organizar e interpretar o mundo do Humanismo.

Ao fim de seu primeiro capítulo, vemos ser introduzida uma análise mais específica do processo de centralização do poder na Suécia<sup>6</sup>, perpassando as contribuições das elites do poder em seus níveis micro, meso e macro e também o papel relevante que a religião desempenhava nesse processo, influenciando os indivíduos e a sociedade, a política e as instituições, assim como a ciência, cultura e também a esfera econômica; assim, vemos como a religião apresentou uma agência social múltipla, envolvendo tanto os governantes (elites do poder) como os governados, numa forma de conferir legitimidade ao império sueco e sua busca pelo estabelecimento de fronteiras culturais, políticas e comerciais.

Prosseguindo, vemos que em seu segundo capítulo Menini se debruça sobre um desenvolvimento mais sistemático da discussão introduzida no capítulo anterior, primeiramente apresentando um balanço historiográfico sobre as diferentes visões da experiência política de formação do estado moderno da Suécia, sua expansão e a importância política sueca no cenário europeu na virada do século XVI para o século XVII, período esse caracterizado pela historiografia como *Stormaktstiden*<sup>7</sup>. Nosso autor apresenta também seu posicionamento na discussão destacando que, para ele, a chave que levou à transformação da Suécia de um reino medieval periférico a uma das maiores potências da Europa moderna e a posterior continuidade de seu poderio seria a habilidade de negociação desempenhada pelos membros da família real Vasa, responsáveis pela criação e organização de instituições reais, amparados pelo apoio de grupos como a nobreza, a burguesia e o campesinato<sup>8</sup>.

---

<sup>6</sup> Tópico que será abordado pela obra com mais afinco no próximo capítulo

<sup>7</sup> Interessante ressaltarmos que Vitor Menini se coloca ativamente no debate, apresentando essa interpretação como problemática, sendo estabelecida no começo do século XX e enviesada pelo campo da História Econômica e da “Velha História Política”. Segundo o autor, o principal equívoco dessa interpretação seria o teor de suas narrativas, que buscam estabelecer uma comparação entre o século XVI sueco e desenrolar histórico de *Stormaktstiden*, apresentando como eixo narrativo o *final* de história e um desenrolar analítico que partiria do Futuro para entender o Passado

<sup>8</sup> Apoio mútuo entre a família real Vasa e dos grupos sociais pode ser entendido a partir de ideia de que a união aos interesses da coroa levaria esses grupos a conquistar suas próprias fortunas

Outro ponto interessante a ser destacado deste segundo capítulo seria que Menini apresenta como se deu a empreitada sueca no atlântico, destacando a desconhecida e frustrada empreitada colonial sueca moderna na América do Norte – criação dos assentamentos da Nova Suécia e a *Lenapehòkingv* –, vista como essencial para as futuras pretensões da nova potência militar do antigo continente, devido ao potencial enriquecimento, aquisição de novas terras, oportunidade de capitanear uma missão cristã de caráter luterano, os possíveis ataques às posses de outros potentados europeus e da participação no comércio atlântico; podemos ressaltar que Menini também trabalha a ideia de que os conhecimentos e atitudes do reino sueco em relação à Lapônia seriam fruto de seu trato com os nativos norte-americanos.

Ao fim de seu segundo capítulo, Vitor Menini enquadra as duas experiências coloniais suecas – região da Lapônia e América do Norte – como formadoras de arenas de negociação, tradução e elaboração cultural entre os costumes nativos e a tentativa de imposição de toda uma gama cultural e identitária por meio do reino da Suécia, levando à criação do que o estudioso pós-colonial Homi Bhabha<sup>9</sup> chama de terceiro espaço. Menini também aponta como a diversidade das práticas culturais, religiosas e econômicas existentes em distintas partes do território da *Sápmi*<sup>10</sup> levam a uma grande heterogeneidade no contato cultural entre o reino sueco e as diferentes áreas ocupadas pelos povos sámi, criando uma grande gama de hibridizações.

Adentrando em seu capítulo final, nosso autor inicialmente nos apresenta um interessante debate acerca da presença sueca na Lapônia representar uma ocupação ou uma ação colonialista; pontuando que o colonialismo deve ser entendido como um processo de agências mutuas entre colonizadores e colonizados, que leva à criação de um espaço de significação mútuo. Dessa forma, Menini – apoiado nas ideias pós-coloniais – demonstra que a agência sueca no território *Sápmi* foi responsável pelo surgimento de um lugar de encontro colonial, responsável pela criação de novas categorias de pessoas e de identidades, através das

---

<sup>9</sup> Homi Bhabha apresenta este terceiro espaço como sendo um lugar de amplas conexões culturais, responsáveis pela formação de uma nova identidade hibridizada entre as culturas em contato.

<sup>10</sup> “Terra dos sámi”. Nomenclatura de origem sámi utilizada nos estudos sámi e escandinavos para designar a região política que extrapola as fronteiras da Noruega, Suécia, Finlândia e Rússia

tentativas das autoridades suecas em controlar as experiências culturais dos povos sámi e os mecanismos utilizados por eles como forma de resistência ao controle e a dominação sueca.

Outro ponto bastante interessante da obra que deve ser citado neste momento é que Vitor Menini salienta como o tratamento das fontes é um grande problema em estudar as relações entre os suecos e os sámi, haja visto que, a maior parte de todo o material escrito que se encontra disponível foi elaborado pelo lado dos colonizadores, dessa forma, deturpando as verdadeiras relações entre colonizadores e colonizados. Entretanto, nosso autor discorre sobre a estratégia utilizada por ele em sua pesquisa para superar as dificuldades existentes no trato com as fontes e documentos, dessa maneira, apresentando uma saída metodológica que pode ser utilizada também em outros contextos que envolvem situações entre dominantes e dominados, nos quais os grupos dominantes se utilizam de sua força social e política para a deturpação da verdade por trás das relações coloniais e outras formas de dominação.

Dando continuidade ao texto, nosso autor adentra neste momento em uma discussão textual (narrativa) mais minuciosa da obra de Joahnes Schefferus, demonstrando como o humanista fez o uso de relatos missionários, da cultura material sámi e da sustentação histórica em autores antigos na elaboração de um texto que pode ser enquadrado como fruto de um processo de apropriação das visões anteriormente veiculadas sobre os “lapões”, visando a criação de uma narrativa que apresenta uma nova visão, mais real e sem estigmas, dos povos sámi.

Para uma análise mais sistemática da obra de Schefferus, Menini a esmiuça em quatro tópicos sendo eles: 1) a descrição espacial e territorial da Sapmi; 2) a constituição física e psíquica dos “lapões”; 3) o estilo de vida dos habitantes locais; 4) a religião – antiga e atual – dos povos setentrionais. Dessa forma, Vitor Menini busca organizar de forma mais efetiva a discussão e apresentar todas as vertentes narrativas existentes em *Lapponia*. Menini aponta como o maior contato direto com as populações da região da *Sápmi* durante a modernidade levaram a descrições mais diretas do que as antigas existentes nos tempos medievais, que foram de ampla ajuda para a elaboração de *Lapponia*. Entretanto, mesmo com a utilização de descrições mais diretas, vemos ser salientado como a obra de Schefferus apresenta uma descrição dos

povos sámi onde a dualidade entre o maravilhoso e o desconhecido/inóspito está sempre presente.

Por fim, em suas considerações finais, Menini faz uma retomada de algumas problemáticas discutidas anteriormente ao longo de seus capítulos, pontuando como Joanes Schefferus deve ser entendido como o construtor de uma nova camada conceitual sobre os povos sámi e a Lapônia, a partir de sua inserção em um contexto político (expansão e legitimação das ações suecos enquanto potência colonial) e discursivo específico (manutenção do referencial humanista e surgimento do discurso lapológico).

Ademais, podemos observar como os escritos anteriores a obra de Schefferus – como o de Olaus Magnus – estavam muito mais relacionados com as práticas mágicas da Lapônia e da Finlândia do que com a inserção da Suécia no jogo colonial europeu; papel esse desempenhado por *Lapponia* através da utilização de toda uma gama de capital cultural para a legitimação do discurso das elites do poder e da manutenção da dominação sueca no solo *Sápmi*, sendo esses encontros coloniais os responsáveis pela formalização e restrição espaço-cultural como o outro.

Outro ponto muito interessante levantado por Menini em suas considerações finais e que deve ser destacado é que sua obra, através da demonstração de como a experiência colonial sueca nas terras *Sápmi* foi responsável por modificar tanto a vida dos colonizadores como dos colonizados, busca desnaturalizar uma História nacional “suequizada”, que por muito tempo tratou da ocupação das terras sámi como parte de uma herança geo-histórica sueca.

Gostaria de salientar que ao final de sua obra Menini apresenta uma extensa lista de referências bibliográficas, elencando desde diversas fontes primárias – manuscritas e disponíveis de forma online –, as obras de Johanes Schefferus, algumas das Sagas Islandesas e também a bibliografia subsidiária usada por ele; dessa forma, acredito que a obra *Lapponia: A descrição dos povos sámi e o projeto imperial sueco na obra de Johannes Schefferus (1648 – 1673)* apresenta um grande potencial de ser um “norte” para os interessados em adentrar às





discussões relacionadas com a formação e consolidação do Estados Modernos do mundo europeu do Norte.

Para finalizar nossa resenha, gostaria destacar que a obra de Vitor Menini apresenta uma grande relevância científica, pois nela vemos ser tratados diversos assuntos pertinentes, como desenvolvimento de uma região da Europa pouco abordada em nossa historiografia, seus conflitos internos e externos relacionados com o processo de autoritarismo e centralização de poder na busca pela consolidação de um reinado forte e soberano, sua ampla relação com a formação dos Estados Modernos europeus, a questão do importante entrelaçamento entre Estado e religião e também a localização de um grande personagem como Joahnes Schefferus, seu papel em um contexto social, político e discursivo específico e sua influência na legitimação da formação do Estado Moderno sueco.